

---

## Perfil de mulheres empresárias de Joaçaba, Herval d'Oeste e Luzerna

---

Tânia Maria dos Santos Nodari \*  
Ariana D'Agostini \*\*

---

### Resumo

As mulheres, cada vez mais, estão inseridas no mercado de trabalho, e ocupam postos nas mais diversas áreas. Embora a mulher tenha alcançado maior participação no processo produtivo, ainda enfrenta muitas dificuldades nos aspectos comportamentais e, também, no que tange à gestão do negócio, uma vez que muitas das mulheres empresárias abriram seus negócios sem um planejamento prévio, ocasionando fechamento ou falência das empresas num curto período. O objetivo deste artigo é quantificar os estabelecimentos comerciais e industriais administrados de Joaçaba, Herval d'Oeste e Luzerna, cadastrados nas Associações Comerciais e Industriais e na Câmara de Dirigentes Lojistas desses municípios, e traçar o perfil para identificar o tipo de negócio, as dificuldades na gestão e as áreas que necessitam de aperfeiçoamento, visando contribuir ao desenvolvimento regional sustentado. O artigo é baseado em pesquisa bibliográfica e exploratória. Para a fundamentação teórica, buscaram-se dados em revistas, sites da internet, livros, entre outras obras literárias, relacionadas nas referências. A pesquisa exploratória foi executada por meio de uma pesquisa de campo e os procedimentos adotados foram os seguintes: levantamento dos estabelecimentos cadastrados junto às Associações Comerciais e Industriais dos três municípios (Joaçaba (Acioc), Herval d'Oeste (Aciho) e Luzerna (Acial), e na Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL); seleção nas listas fornecidas pelas Associações e pela CDL dos estabelecimentos comerciais e industriais administrados por mulheres; e aplicação dos questionários. Foi por meio do levantamento de dados, nas listagens, que se identificou os estabelecimentos administrados por mulheres. O total de estabelecimentos registrados é de 617, destes, 22% (135) estão listados como administrados por mulheres. Do total dos estabelecimentos administrados por mulheres, foram pesquisados 37 estabelecimentos (27%). A amostra foi determinada de forma aleatória.

**Palavras-chave:** Mulheres empresárias. Mercado de trabalho. Perfil gerencial. Dificuldades de gestão.

---

\* Doutoranda em Economia, Trabajo y Producción. Universidade Pablo de Olavid-Sevilla-ES. Professora da Unoesc-Joaçaba.

\*\* Aluna de Publicidade e Propaganda, Unoesc-Joaçaba.

## 1 O PROCESSO DE INSERÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

Na segunda metade do século XX, a força de trabalho feminina expandiu-se de forma bastante expressiva em várias regiões do mundo. Na América Latina, a População Economicamente Ativa (PEA) feminina triplicou nesse período e o Brasil foi um dos países em que se observaram as maiores taxas de crescimento, conforme Grecco (2003).

[...] não há a menor dúvida de que o século que acabou foi o de maior avanço das mulheres em toda a história da humanidade. Elas estão conquistando espaços no mundo inteiro, em praticamente todas as atividades. No Brasil, 20 milhões de mulheres entraram na população economicamente ativa em duas décadas. Parte desse aumento foi causado por mudanças no conceito de trabalho, que passou a incluir atividades de autoconsumo e produção familiar. (COHEN, 2001, p. 3).

No Brasil, as mudanças ocorrem num ritmo também impressionante. Dos 10,1 milhões de postos de trabalho abertos no país entre 1989 e 1999, quase 7 milhões foram ocupados por mulheres, ou seja, sete em cada dez novas vagas no mercado são preenchidas por profissionais femininas. Quase 30% delas possuem mais de dez anos de escolaridade, contra 20% dos homens. Dentre os executivos masculinos, 40% têm curso superior – entre as mulheres, o índice é de aproximadamente 50%. Além de levar vantagem nos processos de seleção, as mulheres evoluem mais rápido dentro da empresa. O ritmo das promoções entre elas é cerca de três anos mais rápido do que o registrado no universo masculino (IBGE, 2002).

A importância das mulheres no processo produtivo não é um fato novo. No Brasil, por exemplo, sua presença foi marcante no início da industrialização, especialmente na indústria têxtil, no século XIX e, também, para a agricultura, nas primeiras décadas do século XX. Isso aconteceu porque as mulheres constituíam importante força de trabalho no campo, no entanto, os maiores avanços no mundo do trabalho foram obtidos nas últimas décadas do século XX. No

período atual, o que se pode destacar é a intensidade, a diversidade e o aparente processo de entrada das mulheres no mercado de trabalho.

O processo de mudança no padrão de integração feminina no mundo produtivo foi acompanhado de um vigoroso e hesitante processo de mudanças, em virtude da condição das mulheres e o enorme conjunto de direitos que passou a vigorar, pelo menos na letra da Lei – movimento de busca por equidade entre homens e mulheres. Foram questionados este-reótipos e conceitos, além da reivindicação de novos espaços e direitos. Num período de poucas décadas, as mulheres ultrapassaram os limites do mundo privado em busca do direito ao trabalho remunerado e à cidadania.

Todavia, em que pesem tantos direitos adquiridos e a expressiva presença das mulheres no mercado de trabalho, não se constata alterações importantes no padrão de desigualdade que define a relação social entre os sexos ao encerrar o século XX. Praticamente, todos os indicadores do mercado de trabalho demonstram que as mulheres se inserem na atividade econômica em clara desvantagem, frente à força de trabalho masculina. As mulheres são mais expostas ao risco do desemprego – as taxas são mais elevadas em relação as dos homens – e permanecem por mais tempo na procura por trabalho. Uma vez ocupadas, a desigualdade se expressa, principalmente, pela segregação ocupacional e pela remuneração inferior. Para as mulheres, cabem ocupações de mais baixo *status*, com menores oportunidades de desenvolvimento e ascensão ocupacional e seus rendimentos do trabalho são significativamente mais baixos aos obtidos pelos homens. A esse respeito Sassi Galeazzi (2002, p. 12) diz que:

De fato, a inserção dos indivíduos no mercado de trabalho reproduz as desigualdades decorrentes da valoração socialmente atribuída a características ou atributos pessoais naturais – sexo, idade, cor, etnia –, ou adquiridos, como é o caso da escolaridade. A mão-de-obra feminina constitui-se em um dos grupos que sofrem discriminação. Inclusive no contexto mais atual de precarização do mercado de trabalho, os efeitos nocivos desse processo recaem de forma

especial sobre a mão-de-obra feminina, ampliando sua participação no contingente de trabalhadores desempregados e sua inserção em ocupações a descoberto dos padrões vigentes de proteção legal e previdenciária.

Estudos sobre o movimento recente de reestruturação produtiva – emergência de novas formas de organização do trabalho, novos conceitos de produção, especialização flexível, entre outros – tem mostrado que esses processos podem não contribuir para a posição subalterna que as mulheres ocupam no mundo do trabalho. Ao contrário, tendem a manter e recriar essas desigualdades entre trabalhadores e trabalhadoras. Segundo Hirata (1988 apud GALEAZZI, 2002), na maioria das empresas observa-se a convivência do “taylorismo” (para as tarefas feminizadas) com a flexibilidade (setor masculinizado) ou a presença de flexibilidade manifesta-se em dois tipos: formação qualificada e polivalência para os homens e formas de empregos atípicos para as mulheres. Continuam, portanto, a se observar a concentração da mão-de-obra feminina em um conjunto mais restrito de atividades, fortemente feminizadas, as quais correspondem, via de regra, uma imagem de tarefas de baixa qualificação e, conseqüentemente, menores remunerações.

Ainda sobre a participação da mulher no mercado de trabalho, a Síntese dos Indicadores Sociais de 2002, divulgada pelo IBGE (2003), traz um perfil da mulher brasileira. Quando se trata de escolaridade e rendimentos do trabalho, as diferenças entre homens e mulheres no Brasil são expressivas. Mesmo que ambos tenham a mesma média de escolaridade, os homens ganham mais que as mulheres, pois:

Essa desigualdade de rendimentos se mantém em todos os estados e regiões, e em todas as classes de anos de estudo: tanto as mulheres com grau de escolarização igual ou inferior a 3 anos de estudo ganham menos (61,5%) do que os homens com o mesmo grau de escolaridade; quanto as mulheres com maior grau de escolarização (11 anos ou mais de estudo) ganham menos (57,1% do que ganham os homens desta faixa). (IBGE, 2003).

No que se refere às pessoas ocupadas por grupos de idade, as estatísticas indicam que nas faixas de 30 a 39 anos e 40 a 49 anos, a distribuição de mulheres trabalhando é maior do que a de homens na mesma faixa etária (26,5% e 20,8% contra 24,5% e 19,1%, respectivamente).

O documento divulgado pelo IBGE traz informações valiosas sobre o rendimento do trabalho que confirma que as mulheres têm remuneração inferior a dos homens. A população feminina ocupada concentra-se nas classes de rendimento baixo, 71,3% das mulheres que trabalham recebem até 2 salários mínimos, contra 55,1% dos homens. A desigualdade de salários aumenta conforme a remuneração. A proporção de homens que ganham mais de 5 salários mínimos é de 15,5% e das mulheres, 9,2%. A diferença entre homens e mulheres permanece em todas as regiões do país. No Sudeste, 61,1% das mulheres ganham até 2 salários mínimos e, no Sul, essa proporção é de 72%. Entre os homens, as proporções nessas regiões são 41,8% e 49,1%, respectivamente.

A proporção de mulheres dedicadas aos trabalhos domésticos (19,2%) e que não recebem remuneração (10,5%) é bem maior do que a dos homens (0,8% e 5,9%, respectivamente). Pode-se constatar que há mais mulheres trabalhando como militares ou estatutárias (9,3%) do que homens (5,1%), o que pode ser explicado pela grande quantidade de mulheres profissionais de saúde e educação do setor público, incluídas nessa categoria. Mais de 70% da população feminina ocupada concentra-se em atividades do setor de serviços (prestação de serviços, comércio, administração pública e outros). A distribuição de homens é mais homogênea, destacando-se a atividade agrícola, que reúne quase um quarto da população masculina ocupada do país. (IBGE, 2003).

## 1.1 O EMPREENDEDORISMO FEMININO

O número de mulheres empreendedoras no Brasil tem aumentado significativamente nos últimos anos, em virtude, principalmente, da necessidade de complementação da renda familiar, do desemprego que resulta em dificuldades financeiras e da busca por novas oportunidades.

Conforme pesquisa divulgada pela *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), em parceria com o Sebrae, no Brasil, cerca de 14 milhões de pessoas são empreendedores, destes, 6,44 milhões são mulheres. A pesquisa revela, também, que a taxa de mulheres empreendedoras saltou de 29% em 2000 para 46% em 2003 e que as mulheres empreendem mais por necessidade do que os homens – 42% contra 39%, o que demonstra que ainda há muito para se fazer. Dessa forma, Micheletti (2003, p. 2) escreve:

O que nós precisamos cada vez mais é que haja mais empreendimentos por oportunidade, já que a possibilidade de sucesso nesse negócio é maior. São casos em que o profissional se dedicou, planejou seus investimentos e analisou o ambiente com cautela. Saber com precisão o que vai fazer e onde aplicar seu dinheiro.

A crescente expansão feminina, tanto no mercado de trabalho quanto no empreendedorismo acaba por gerar um problema; a falta de qualificação para quem está no mercado de trabalho e também gerencia um empreendimento. Esse é um dos fatores que fazem com que muitas empresas não sobrevivam. Com a estabilidade econômica e globalização, o mundo dos negócios mudou, assim, torna-se necessário ter cautela ao abrir um novo negócio, uma vez que, a arte de empreender ficou mais profissional exigente e qualificada. Sem dúvida, o mercado e os consumidores, usuários de serviços, também são os responsáveis por essa nova postura, por meio das exigências e das novas opções de escolhas.

## 1.2 A MULHER EMPRESÁRIA EM JOAÇABA, HERVAL D'OESTE E LUZERNA

Os municípios de Joaçaba, Herval d'Oeste e Luzerna possuem registrados em suas Associações Comerciais e Industrias, Acioc, Aciho e Acial, respectivamente, e na Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL), um total de 617 estabelecimentos comerciais, industriais e de serviços: 205 pertencem à Acioc, 67 fazem parte da Aciho, 64 da Acial e 281 da CDL. No total, somam-se 135 estabelecimentos gerenciados por mulheres.

No Meio-Oeste catarinense, foi criado em 1998 o Núcleo de Mulheres Empreendedoras de Joaçaba (Numej), com os objetivos de proporcionar o crescimento pessoal e profissional; troca de experiências; incentivar o cooperativismo; ampliar a representatividade feminina nos meios empresariais e na comunidade, desenvolvendo o espírito de liderança e; contribuir para o desenvolvimento socioeconômico regional. Atualmente, fazem parte do Núcleo, que está ligado à Associação Comercial e Industrial de Joaçaba, 27 mulheres entre os diversos setores, empresárias, gerentes de empresas e profissionais liberais.

## 2 BREVE CARACTERIZAÇÃO SOCIOESPACIAL DOS MUNICÍPIOS PESQUISADOS

Os municípios de Joaçaba, Herval d'Oeste e Luzerna localizam-se, no Meio-Oeste catarinense e fazem parte, politicamente, da Associação dos Municípios do Meio Oeste Catarinense (Ammoc).

Na região do Meio-Oeste, localizada no centro do estado de Santa Catarina, situam-se comunidades de pequeno e médio porte, colonizadas por imigrantes italianos, alemães, austríacos e japoneses.

A atividade econômica está baseada na agroindústria, criação de bovinos e produção de maçã; também há indústrias expressivas do pólo metal-mecânico. As principais cidades que delimitam esse campo industrial são Joaçaba, Videira, Caçador, Treze Tílias, Curitibanos, Fraiburgo e Campos Novos.

O município de Joaçaba teve como colonizadores os imigrantes gaúchos de origem italiana e alemã que, atraídos pelas terras férteis do Vale do Rio do Peixe e pela madeira de lei que parecia inesgotável, vieram em busca de uma nova vida. Por volta de 1900, de posse de pequenas colônias de terra, deram os primeiros passos na produção agrícola (AMMOC, 2006).

De colonização ítalo-germânica, Joaçaba teve na agricultura o início de seu desenvolvimento. As indústrias ligadas ao setor metal-mecânico surgiram posteriormente, com destaque para a produção de máquinas agrícolas que, por fim, deu origem a um diversificado parque industrial, surgindo uma série de

pequenas e médias empresas. Com o fortalecimento da agricultura e da indústria, outras atividades, como o comércio e os serviços, também ganharam projeção, fazendo com que Joaçaba se tornasse um importante pólo regional. Joaçaba é *Campus* sede da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), uma das grandes universidades do estado de Santa Catarina que faz do município um importante centro universitário.

Atualmente, com uma população de 24.708 habitantes (IBGE, 2004), com um grande e diversificado parque industrial, é considerada a maior cidade do Meio-Oeste e pólo econômico da região (AMMOC, 2006).

Considerada cidade-irmã de Joaçaba, Herval d'Oeste tem sua história vinculada à construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande do Sul, iniciada em 1908. A partir de 1919, com o fim da Guerra do Contestado, uniu-se à Joaçaba, da qual se desmembrou em 1953.

As principais atividades econômicas do município são a agricultura, suinocultura, avicultura, indústria madeireira e metal-mecânica. No município, está instalado o maior incubatório de aves da América Latina. A população estimada pelo IBGE é de 21.179 habitantes.

Luzerna está localizada a cerca de 5 km de Joaçaba; foi fundada pelo engenheiro alemão Henrique Hacker e a esposa Sofia, que, em viagem de trem pela região, em 1915, impressionaram-se com a exuberância do Vale do Rio do Peixe e decidiram iniciar uma colonização particular, tipicamente germânica.

Em 1930, chegaram os imigrantes do Tirol austríaco. Os novos colonizadores fixaram-se no distrito de Ibicaré, onde fundaram Treze Tílias. Os irmãos Francisco e Rudolf Lindner foram para Joaçaba e deram decisivo impulso à industrialização da cidade e de Bom Retiro, que teve o nome alterado para Luzerna, em abril de 1946 – o nome Luzerna relaciona-se com um tipo de alfafa, cultura muito difundida e lucrativa na época.

A cidade tornou-se distrito de Joaçaba em 16 de fevereiro de 1949 e emancipou-se em 29 de dezembro de 1995. Conforme contagem do IBGE (2004), o município possui 5.574 habitantes. A base econômica é sustentada pela agricultura e pelas empresas da indústria metal-mecânica (AMMOC, 2006).

### 3 PERFIL DA MULHER EMPRESÁRIA DE JOAÇABA, HERVAL D'OESTE E LUZERNA

Foram relacionados 135 estabelecimentos administrados por mulheres nos três municípios e, desse total, foram entrevistadas 37 mulheres, sendo que os estabelecimentos foram escolhidos de forma aleatória. O número de estabelecimentos cadastrados, os administrados por mulheres e a amostra, podem ser melhor visualizados no Quadro 1.

Deve-se ressaltar que as pesquisadoras tiveram dificuldades para entrevistar muitas mulheres, porque elas não se mostraram dispostas a participar da pesquisa, outras não devolveram o questionário, enquanto que umas responderam de forma incompleta. Por esse motivo, a amostra totalizou apenas 27%. A tabulação dos dados foi feita no *Software Sphinks*.

Município/Entidade	Total de estabelecimentos	Estabelecimento administrado por mulheres	Questionários aplicados/ Amostra
Luzerna/Acial	64	20	7 (35%)
Herval d'Oeste/Aciho	67	14	10 (71%)
Joaçaba/Acioc	205	27	6 (22%)
Joaçaba/CDL	281	74	14 (19%)
<b>Total</b>	<b>617</b>	<b>135</b>	<b>37 (27%)</b>

Quadro 1: Quantidade de Estabelecimentos

Fonte: Associação Comercial e Industrial de Joaçaba, Herval d'Oeste e Luzerna e CDL.

Do total de mulheres entrevistadas, em relação ao estado civil, encontram-se 26 casadas, 4 solteiras, 2 divorciadas ou desquitadas, 3 amasiadas e 2 viúvas. As entrevistadas estão classificadas na seguinte faixa etária: 2 mulheres têm de 25 a 29 anos, 12 de 36 a 40 anos, 8 possuem mais de 50 anos, 7 encontram-se na faixa etária de 41 a 45 e 3 de 46 a 50.

Uma das questões importantes para o objetivo da pesquisa era identificar o grau de instrução das mulheres empresárias, visando um possível curso de aperfeiçoamento. No que se refere a essa questão, foi constatado que 17 mulheres possuem ensino médio, 9 possuem curso superior completo, 5 têm curso de pós-graduação, 3 não terminaram o ensino superior e 3 possuem somente o ensino fundamental.

As entrevistadas foram questionadas sobre as atividades que exerciam antes de abrirem seus empreendimentos. Foi identificado que 9 delas eram funcionárias de empresas privadas, 6 eram funcionárias públicas, 4 eram autônomas, 4 donas de casa, 4 empregadoras em outras empresas, 2 eram estudantes, 1 profissional liberal e 7 exerciam outras atividades (funcionária da própria empresa, comerciante e professora).

No que se refere ao ramo do negócio, a maioria era proprietária de estabelecimentos comerciais, 4 eram prestadoras de serviços e 2 eram do ramo industrial. Com relação ao número de funcionários, a maioria dos empreendimentos se enquadram como microempresas porque possuem de 5 a 10 funcionários. A respeito do tempo de existência das empresas, podemos constatar que: 15 empresas existem de 10 a 15 anos; 9 de 5 a 10 anos; 7 têm mais de 15 anos e 6 existem entre 1 e 5 anos.

Também se procurou saber quais eram as funções que as mulheres exercem no empreendimento. Deve ser salientado que nessa questão, as respostas não totalizam 100% porque em algumas empresas a mulher ocupa diversas funções ao mesmo tempo.

A pesquisa procurou investigar qual o principal motivo que levaram as empresárias a abrirem o seu negócio. Foi solicitado que assinalassem até duas alternativas. As respostas foram as seguintes: 27 mulheres identificaram uma oportunidade de negócio, 12 possuíam experiência anterior, 7 empreendedoras tinham tempo disponível, 6 mulheres tinham tempo

disponível, 4 delas estavam insatisfeitas com seu emprego e 3 responderam que abriram seu negócio por outros motivos.

Procurou-se saber, se, para abrir o negócio, as mulheres fizeram e/ou escreveram um planejamento formal como um plano de negócios. A resposta foi que a maioria; 31 das empresárias não fizeram um planejamento formal. Essa questão chama a atenção porque, apesar das empresárias não terem feito planejamento, os estabelecimentos estão sobrevivendo já que 24 existem há mais de 10 anos.

A questão seguinte era saber qual tipo de planejamento havia sido feito pelas mulheres que afirmaram ter um projeto de negócios. As respostas citadas foram a pesquisa de mercado e levantamento de opções, pesquisa e localização, se o local de funcionamento era adequado ao empreendimento e se possuía capital de giro.

Outro apontamento da pesquisa foi revelar se as mulheres haviam procurado alguma instituição de apoio para abrir a empresa. Trinta delas disseram que não. As 7 pessoas que procuraram apoio revelaram que procuraram as seguintes instituições: 3 procuraram um contador; 2 o Sebrae, 1 procurou pessoas que conheciam o ramo e 1 a Associação Comercial e Industrial de Herval d'Oeste.

Quanto ao tipo de apoio buscado nas instituições, os motivos relacionados são: capital de giro, informações gerais sobre compras, marcas e público, orientações e treinamento e para a estruturação da empresa.

A pesquisa questionou quais as áreas em que as mulheres empresárias têm maior dificuldade para administrar a empresa, ou seja, quais os principais desafios no gerenciamento do negócio.

No que se refere à tributação, 43,2% das entrevistadas afirmaram que têm muita dificuldade, 27% disseram que tem pouca dificuldade, 16,2% não tem dificuldade e 13,5 não responderam.

Quanto à falta de capital de giro, 51,4% disseram que têm um pouco de dificuldade, 21,6% que têm muita dificuldade, 18,9% não têm dificuldade e 3 não responderam.

Já 45,9% das mulheres disseram que possuem dificuldades com relação a alta taxa de juros, 27% têm um pouco, 13,5% não têm dificuldades e 13,5% não responderam.

Quanto à inadimplência de clientes, 48,6% têm um pouco de dificuldade, 35,1% têm muita dificuldade, 5,4% não têm dificuldade e 10,8% não responderam. Com referência as despesas com aluguel, 48,6% sentem um pouco de dificuldade, 24,3% não têm dificuldade, 16,2% sentem muita dificuldade e 10,8% não responderam.

No que se diz respeito à falta de mão-de-obra qualificada, 40,5% não sentem dificuldade, 24,3% têm muita dificuldade, 21,6% têm um pouco de dificuldade e 13,5% não responderam.

Na questão despesas com pessoal, 40,5% não têm dificuldades, 24,3% têm um pouco de dificuldade, 16,2% têm muita dificuldade e 18,9% não responderam. Com relação à concorrência de outras empresas, 48,6% disseram que têm pouca dificuldade, 21,6% não têm dificuldades, 13,5% têm muita dificuldade e 16,2% não responderam.

Quanto a dificuldades na obtenção de créditos, 56,8% não têm dificuldades, 16,2% têm um pouco, 5,4% têm muita dificuldade e 21,6% não responderam. Sobre a falta de clientes 48,6% têm um pouco de dificuldade, 24,3% não têm dificuldade, 5,4% têm muita dificuldade e 21,6% não responderam.

Com referência à falta de recursos para aquisição de equipamentos 40,5% disseram que não têm dificuldade, 27% têm um pouco, 8,1% têm muita e 24,3% não responderam.

Na questão de instalações inadequadas, 59,5% não sentem dificuldades, 16,2% têm um pouco de dificuldade, 2,7% têm muita dificuldade e 21,6% não responderam. No que se refere à falta de conhecimentos gerenciais, 43,2% não têm dificuldades, 27% têm um pouco, 8,1% têm muita dificuldade e 21,6% não responderam.

Quanto à concorrência com produtos importados, 43,2% não têm dificuldade, 21,6% têm um pouco, 18,9% têm muita dificuldade e 16,2% não responderam.

No que se refere ao ponto inadequado, 64,9% não têm dificuldade, 13,5% têm um pouco e 21,6% não responderam.

Por último, quanto à dificuldade na identificação de fornecedores, 62,2% não têm dificuldade, 13,5% têm um pouco de dificuldade, 2,7% têm muita dificuldade e 21,6% não responderam.

Uma entrevistada citou que tem dificuldade com relação ao auxílio técnico e assessoria jurídica e financeira da CDL.

Um outro questionamento importante foi saber das empresárias quais são as áreas de maior interesse para aperfeiçoamento que resulte em melhor gerenciamento do negócio. Nessa questão, não há um fechamento de 100% das respostas porque foi solicitado às entrevistadas que assinalassem 5 respostas. As áreas mais citadas foram as seguintes: estratégias de desenvolvimento da empresa (23 vezes), promoção, divulgação e marketing (22 vezes), qualidade e produtividade (13 vezes), informática na empresa, legislação relativa à micro e pequena empresa, capacitação de funcionários (12 vezes), administração estratégica do negócio, conhecimento do mercado, liderança e desenvolvimento gerencial (7 vezes), legislação trabalhista, tributária e fiscal, organização do ponto de venda (6 vezes), possibilidade de parcerias com outras empresas e qualidade de vida, bem-estar e convivência dentro da empresa (5 vezes), formação do preço de venda (4 vezes), assessoria administrativa, acesso a crédito e financiamento, administração de recursos humanos direitos do consumidor (3 vezes), importação (2 vezes) e planejamento e melhoria do processo de produção e exportação (1 vez).

#### 4 CONCLUSÃO

Pode-se concluir que, apesar da crescente participação das mulheres no mercado de trabalho, elas têm enfrentado muitos problemas quanto ao aspecto comportamental e gestão de negócio pois, segundo estudos, a maioria dos empreendimentos são abertos sem um planejamento formal, o que resulta em fechamento do negócio num curto período e em frustração da empresária.

Por meio da pesquisa bibliográfica, constatou-se que conforme dados do IBGE (2001), a participação feminina na população economicamente ativa, no período de 1997 a 2001, aumentou em 14%, enquanto que a masculina cresceu 7,9%. A pesquisa também revela que a taxa de mulheres empreendedoras passou de 29% em 2000 para 46% em 2003 (MICHELETTI, 2003).

O trabalho de campo revelou que estão cadastrados 617 estabelecimentos nas Associações Comerciais e Industriais de Joaçaba, Herval d'Oeste e Luzerna e na Câmara de Dirigentes Lojistas de Joaçaba. Desse total, 135 são administrados por mulheres, ou seja, 21,8%.

A pesquisa leva a apontar que as mulheres empresárias necessitam de aperfeiçoamento nas áreas estratégicas de desenvolvimento da empresa, promoção, desenvolvimento e marketing, qualidade e produtividade, informática na empresa, legislação relativa à micro e pequena empresa e capacitação de funcionários.

Os dados levantados pela pesquisa podem servir para que a Área das Ciências Sociais Aplicadas da Unoesc e a Coordenadoria de Extensão e Cultura possam vir a oferecer um curso de extensão com o ob-

jetivo de capacitar as mulheres empresárias, contemplando as áreas que apresentam maiores dificuldades para a gestão do negócio. O curso poderá abranger as áreas de estratégia, marketing (promoção, divulgação), informática, legislação, recursos humanos e liderança.

Para finalizar, espera-se que este trabalho possa contribuir com o Núcleo de Mulheres Empresárias de Joaçaba (Numej), no sentido de oferecer subsídios para cursos de formação profissional. A pesquisa demonstra que as mulheres têm dificuldades para gerir o negócio e aponta as áreas que precisam de aperfeiçoamento. Cabe, então às entidades promoverem ações para contribuir com o desenvolvimento da gestão empresarial para que as mulheres possam gerenciar melhor o seu negócio.

### **Profile of Joaçaba, Herval d'Oeste and Luzerna entrepreneurs**

#### **Abstract**

The women are, each time, more inserted in the job market, and occupy ranks in the most diverse areas. Although the woman has reached bigger participation in the productive process, she still faces many difficulties in behavior aspects and, also, on what refers to business management as many entrepreneurs women had opened its businesses without a previous planning, causing the closing or bankruptcy of companies in a short period. The objective of this article is to quantify the commercial establishments and industries of Joaçaba, d'Oeste Herval and Luzerna, registered in Trade and Industrial Associations and in the Chamber of Store Controllers' cadastre of these cities, and to trace the profile to identify the type of business, the difficulties in the management and the areas that need improvement, aiming to contribute to the regional development. The article is based on the bibliographical and exploratory research. For the theoretical basis, it was searched in magazines, websites, books, and other literary compositions, related in the references. Concerning the exploratory research, it was executed by means of a field research and the adopted procedures had been the following ones: a) survey of the registered establishments in the Associations of the three cities (Joaçaba (Acio), d'Oeste Herval (Acio) and Luzerna (Acial), and in the Chamber of Store Controllers (CDL); b) Election in the lists supplied for the Associations of the commercial and industrial establishments managed by women; and, c) Application of the questionnaires. It was from the data-collecting, in the listings, that the establishments managed by women were identified. The total of registered establishments is of 617, of these 22% (135) is listed as managed for women. Of the total, 37 establishments had been searched (27%). The sample was determined of random form.

Keywords: Women entrepreneurs. Job market. Management profile. Difficulties of management.

## REFERÊNCIAS

- AMMOC. 2006. Disponível em: <<http://www.ammoc.com.br/principal.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2006.
- FURASTE, P. A. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico**: explicitação das normas da ABNT. 12 ed. Porto Alegre, 2003.
- GALEAZZI, I. M. S. **As mulheres no mercado de trabalho**. 2002. Disponível em: <<http://www.observatorio.rs.gov.br/texto-irene.doc>>. Acesso em: 18 fev. 2003.
- GRECCO, S. Elas já são maioria na firma. **Veja**, 20 fev. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/200202/p076.html>>. Acesso em: 10 fev. 2003.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2001**. Disponível em: <[http://www.ibge.com.Br/Brasil\\_em\\_síntese/trabalho04.htm](http://www.ibge.com.Br/Brasil_em_síntese/trabalho04.htm)>. Acesso em: 21 out. 2003.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de Indicadores Sociais 2002**. Disponível em: <<http://www1.ibge.gov.br/home/presidência/noticias/12062003indic2002.shtm>>. Acesso em: 16 jun. 2003.
- IPEA – Instituto de Econômica Aplicada. **Mercado de Trabalho**: conjuntura e análise. 2001. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/pub/bcmt/mt016.html>>. Acesso em: 13 ago. 2003.
- MICHELETTI, C. **Brasil tem cerca de 7 milhões de mulheres empreendedoras**. 2003. Disponível em: <<http://carreiras.empregos.com.br/carreira/administração/noticias/010304-empendedoris....>>. Acesso em: 16 fev. 2006.
- SEBRAE. **Crítérios de Classificação do Porte da Empresa**. 2006. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/br/aprendasebrae/estudosepesquisas.asp>>. Acesso em: 20 fev. 2006.

